

Curso de Linguística Geral: uma análise crítica introdutória

Thiago Soares de Oliveira¹

¹ Mestre em Cognição e Linguagem pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Especialista em Língua Portuguesa pelo Centro Universitário Barão de Mauá (CUBM). Licenciado em Letras pela Universidade Castelo Branco (UCB). Professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), Brasil. E-mail: so.thiago@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho, objetiva-se o desenvolvimento de uma análise introdutória a respeito de alguns pressupostos saussurianos contidos na obra *Curso de Linguística Geral* e das principais críticas tecidas a Ferdinand Saussure. Adota-se, para isso, a revisão de literatura com foco na Linguística Teórica para a construção deste trabalho. Desta feita, tenciona-se representar apenas uma visão teórica de parte da obra saussuriana, que se situa dentro da ampla área da Linguística e, apesar de propor uma revisão de literatura, são inseridas algumas das principais críticas às ideias saussurianas, como as tecidas por [Calvet \(2002\)](#) e [Bakhtin \(2009\)](#). Ao fim, percebe-se que a obra de Saussure tem especial relevância no cenário linguístico não só porque inaugurou a Linguística moderna tal como hoje se conhece, mas também porque serviu de base para a renovação dos estudos da linguagem, seja por aderência ou reafirmação das noções propostas seja pela contraposição e crítica teóricas.

Palavras-chave: Linguística; Estruturalismo; Saussure.

Curso de Linguística Geral: an introductory critical analysis

ABSTRACT: In this work, the objective is to develop an introductory analysis about some Saussurian assumptions contained in the work *General Linguistics* course and the main criticisms Ferdinand de Saussure. It adopts, for this, the literature review focused on Theoretical Linguistics to build this job. This time, it is intended to represent only a theoretical view of part of Saussure's work, which is located within the wide area of linguistics and although propose a literature review, are inserted some of the main criticisms of Saussurean ideas, such as woven by [Calvet \(2002\)](#) and [Bakhtin \(2009\)](#). At the end, it is clear that the work of Saussure has special relevance in the linguistic scenario because not only ushered in the modern linguistics as is now known, but also because it was the basis for the renewal of language studies, either grip or reaffirmation of notions proposed either by theoretical opposition and criticism.

Keywords: Linguistics; structuralism; Saussure.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

É inegável a relevância da obra de Saussure tanto para a corrente estruturalista, que considera o caráter sistêmico da língua,

quanto para o desenvolvimento das demais correntes teóricas: ora como um movimento particular dentro do estruturalismo, como é o caso do funcionalismo, ora como um compilado de ideias que se organizam em

contraposição à teoria sistêmica, como é o caso do gerativismo. Obviamente, já está consolidada a pertinência dos estudos do linguista genebrino Ferdinand Saussure.

Apesar dos diversos trabalhos já publicados, tais como o de [Rodrigues \(2008\)](#), [Henge \(2008\)](#), [Costa \(2009\)](#), [Endruweit \(2008\)](#), [Cunha \(2008\)](#) e [Maroneze \(2008\)](#), novas reflexões acerca da obra de Saussure sempre acrescentam rumos outros aos estudos linguísticos, motivo que, de per si, já justifica a abordagem crítica dos pontos cristalizados no *Curso de Linguística Geral*, de [Saussure \(1995\)](#), e dos contrapontos apresentados por autores que criticaram e criticam pontos essa obra, especialmente [Calvet \(2002\)](#) e [Bakhtin \(2009\)](#). Além disso, dado o objetivo aqui traçado de ponderar a respeito de alguns pontos da obra saussuriana, propondo uma análise introdutória acerca do assunto, é importante recorrer aos estudos, pesquisas e livros que fornecem base teórica para a articulação que se pretende.

Dessa forma, adota-se a revisão de literatura como metodologia capaz de dar conta do objetivo proposto. Além do mais, existe farta literatura que pode dar base ao fazer articulatório no que concerne à análise crítica introdutória da obra saussuriana, tais como [Leite e Oliveira \(2012\)](#), [Juchem \(2008\)](#) e [Nóbrega \(2004\)](#). Como se propõe uma reflexão de caráter interdisciplinar, as fronteiras disciplinares das respectivas áreas do conhecimento foram mantidas sem prejuízo, contudo, da inter-relação entre elas. Nesse sentido, os autores utilizados transitam entre disciplinas das Letras, tais como Filologia ([BECHARA, 2009](#); [MATTOS, 2010](#)), Linguística ([FIORIN, 2013](#); [PETER, 2014](#); [CALVET, 2002](#)), História da Linguística ([MUSSALIM, 2012](#); [WEEDWOOD, 2002](#)) e

Análise do Discurso ([BAKHTIN, 2009](#); [HANKS, 2008](#)).

É preciso ressaltar, diante disso, que não se tenciona esgotar as vias de análise do assunto, em razão das múltiplas abordagens possíveis, inclusive metodológicas. Ademais, a obra saussuriana é assaz importante na área dos estudos linguísticos, demandando diversas pesquisas e reflexões meticolosas. Pretende-se, na verdade, a partir de uma revisão crítica de literatura, propiciar aos interessados na obra de Saussure uma visão preliminar acerca do estruturalismo europeu, motivo pelo qual é necessária uma pequena explicação de como se tenciona abordar a obra de Saussure neste trabalho.

2 BREVES CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA REVISÃO DE LITERATURA PROPOSTA

Considerando que este trabalho propõe uma revisão de literatura de caráter introdutório, capaz de propiciar uma iniciação aos estudos saussurianos, é preciso tecer alguns motivos pelos quais foram selecionadas e articuladas ideias e noções contidas em obras introdutórias de Linguística.

Inicialmente, registra-se que a bibliografia escolhida tem o escopo de refletir sobre alguns aspectos preliminares de uma obra específica de [Saussure \(1995\)](#), qual seja o *Curso de Linguística Geral*, não tencionando em momento algum esgotar o assunto, amplamente estudado e debatido por diversos autores renomados como [Bouquet \(2000\)](#), [Faraco \(2004\)](#), [Ilari \(2004\)](#), [Normand \(2009\)](#) e [Dosse \(1993, 2007\)](#). Por opção metodológica [Bakhtin \(2009\)](#), [Calvet \(2002\)](#), [Fiorin \(2013\)](#), [Mussalim \(2012\)](#) foram, dentre outros, alguns dos autores consultados, o que, no entanto, não diminui as contribuições

contidas em outras obras aqui não utilizadas. Logo, não se trata de desconsiderar algumas obras e eleger outras, mas de optar por trabalhos que possam dar conta do objetivo pretendido por este artigo.

Além disso, a opção pelo não diálogo com os escritos de Saussure publicados em *Escritos de Linguística Geral* ([SAUSSURE, 2004](#)), cuja leitura poderia lançar luzes sobre vários aspectos do texto central escolhido para compor as discussões deste artigo, é propositada, uma vez que este trabalho pretende apresentar um estudo de iniciação à principal obra de Ferdinand Saussure, o *Curso de Linguística Geral*, publicado postumamente em 1916. No mais, as críticas apresentadas acerca das ideias de Saussure são um resumo selecionado a partir de ideias retiradas de algumas obras introdutórias que, além de citar, refletem acerca de alguns dos problemas e das questões mencionadas. Como se sabe, o tema em análise é amplo e não se esgota em poucas laudas, por isso prima-se pela clareza do objetivo proposto, pela atualidade e relevância das obras consultadas e pela adequação da metodologia ao objetivo.

Ante o exposto e em consideração às pretensões deste trabalho, tenta-se tanto quanto possível abordar os principais pressupostos da obra saussuriana com a devida profundidade requerida por um artigo que visa à adesão daqueles que estão iniciando seus estudos na área da Linguística. Trata-se, pois, de um trabalho inédito de viés científico com objetivo bem delimitado e que, obviamente, dirige-se a um público específico, mas pode ser utilizado com proveito por estudiosos e professores de Linguística para a iniciação de seus alunos, o que marca a relevância deste artigo.

3 CONTRIBUTOS DO ESTRUTURALISMO SAUSSURIANO E ALGUMAS DAS PRINCIPAIS CRÍTICAS A ESSA CORRENTE

A emergência dos estudos da Linguística moderna, como hoje é conhecida, foi possível graças a Ferdinand de Saussure, estudioso suíço que faleceu em 27 de fevereiro de 1913, aos 56 anos de idade, deixando seu legado mais importante: o *Curso de Linguística Geral*. Essa obra, cuja primeira edição data de 1916, não foi escrita de fato por Saussure, mas por seus alunos Charles Bally e Albert Satchehaye, com base em anotações feitas a partir de três cursos ministrados pelo professor na Universidade de Genebra ([FIORIN, 2013](#)). Por se tratar de uma obra póstuma, enviesada¹ pela visão de seus produtores, é preciso ter sempre em evidência que o trabalho saussuriano é representado pelas percepções de seus alunos, ou seja, pela tentativa de reprodução fidedigna do pensamento do professor.

Segundo entende [Mattos \(2010\)](#), a corrente inaugurada por Saussure se deu em 1916, exatamente após cem anos do apare-

¹ O vocábulo "enviesado" foi propositadamente escolhido, a fim de pontuar que, "mesmo relatando dados objetivos, o produtor do texto pode ser tendencioso e ele, mesmo sem estar mentindo, insinua seu julgamento pessoal pela seleção dos fatos que está reproduzindo ou pelo destaque maior que confere a certos pormenores" ([FIORIN; SAVIOLI, 2003, p. 251](#)). Isso não significa que está em xeque a credibilidade da obra de Saussure, mas que, a todo tempo, deve ser lembrado que o *Curso de Linguística Geral* foi publicado após morte do linguista genebrino, sendo crível que Bally e Satchehaye, apesar de tentarem resgatar fidedignamente as explicações do mestre, podem ter feito uso do "viés" com vistas a dar maior credibilidade ao que foi escrito. Na verdade, trata-se de um recurso argumentativo que, neste trabalho, é empregado para dar vulto ao fato de que a obra póstuma de Saussure é "atravessada" pela visão do outro.

cimento da Filologia² em 1816. Essa corrente foi tão importante que serviu a outras ciências, como à Etnologia de Claude Lévi-Strauss. O método estruturalista de Saussure consistia em duas vertentes para o processo comunicativo:

A fala (*parole*, no original), que é a parte concreta do ato comunicativo, e a língua (*langue*, no original), que é sua parte abstrata. A importância que ele conferiu à fala passou a distinguir com toda nitidez o que é Linguística e o que é Filologia: o texto escrito é uma fala artificial (MATTOS, 2010, p. 18).

O tratamento dispensado por Saussure a essas duas vertentes, posteriormente conhecidas como dicotomia, considera que o estudo da linguagem comporta, de fato, duas partes: "uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; [...] outra, secundária, tem por objeto a parte individual da língua, vale dizer, a fala" (SAUSSURE, 1995, p. 27). Esse trecho da obra saussuriana demonstra com clareza que foi a língua, e não a fala, o objeto adotado para os estudos estruturalistas do autor. Demonstra, além disso, a tentativa de dar tratamento social à língua, ainda que isso não constitu-

² Segundo Mattos (2010), à Filologia cabe o estudo da língua escrita, da literatura e da cultura do povo a que elas pertencem, trabalhando com a língua sob um prisma diverso do que é adotado pela Linguística. Para o autor, essa ciência também trabalha com a língua, observando-a, bem como aos dialetos e socioletos, mas se preocupa precipuamente com a língua falada através das épocas ou numa época específica. Há, outrossim, em Saussure (1995, p. 7), o registro de que "a língua não é o único objeto da Filologia, que quer antes de tudo, fixar, interpretar, comentar textos", além de compará-los. Por isso, a origem da Filologia comparativa se deu com o advento da obra Bopp, quando se descobriu que as línguas poderiam ser comparadas entre si.

ísse seu objeto de estudo, mas a língua como código. Na verdade, Saussure (1995) entende que ambos os objetos que compõem a dicotomia proposta acerca do estudo da linguagem têm implicação mútua e estreita ligação, porque, para ele, a fala não seria inteligível nem produziria todos os seus efeitos se não houvesse a língua. Da mesma forma, a fala é necessária ao estabelecimento da língua. Eis aí a implicação mútua a que se referia o autor.

Tendo em vista que o estruturalismo de Saussure (1995) pode ser sintetizado a partir dessa dicotomia, vale registrar como Weedwood (2002) simplifica o entendimento dos termos *langue* e *parole*, a fim de lapidar a compreensão de expressões trazidas de outro idioma. Para a autora,

Embora *langue* signifique "língua" em geral, como termo técnico saussuriano fica mais bem traduzido por 'sistema linguístico', e designa a totalidade de regularidades e padrões de formação que subjazem aos enunciados de uma língua. O termo *parole*, que pode ser traduzido por 'comportamento linguístico', designa os enunciados reais (WEEDWOOD, 2002, p. 127).

Apesar de eleger a língua como ponto de sua preocupação, Saussure (1995, p. 27), em *Curso de Linguística Geral*, deixa claro em sua obra que "é a fala que faz evoluir a língua; são as impressões recebidas ao ouvir os outros que modificam nossos hábitos linguísticos", asseverando que há entre ambas uma verdadeira interdependência e que "a linguagem tem um lado individual e um lado social, sendo impossível conceber um sem o outro" (SAUSSURE, 1995, p. 16). Para Saussure (1995, p. 22), "a língua é uma coisa de tal modo distinta que um homem pri-

vado do uso da fala conserva língua, contanto que compreenda os signos vocais que ouve". Essa assertiva pode ser compreendida, então, à luz dos princípios da coercitividade e da exterioridade, utilizados pelo linguista francês Antoine Meillet (1866-1936) com base na obra de Émile Durkheim (CALVET, 2002).

Com efeito, se a língua for concebida como coercitiva, ou seja, imposta independentemente da vontade, já que o indivíduo nasce imerso em uma realidade em que a língua é preexistente a ele, o entendimento de Saussure (1995, p. 23) de que, "enquanto a linguagem é heterogênea; a língua [...] é de natureza homogênea", de certa forma, procederia, uma vez que a língua "constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas" (SAUSSURE, 1995, p. 23). De forma análoga, se concebida como exterior ao indivíduo, a língua seria "classificável entre os fatos humanos" (SAUSSURE, 1995, p. 23). Os motivos expostos, ainda que insuficientes e frágeis, poderiam participar do entendimento do porquê de Saussure (1995) dedicar-se à abstração que acredita ser inerente à língua, mas não seria capaz de se aproximar de uma explicação do suposto caráter social que o autor atribui à língua.

Sobre isso, Calvet (2002) reconhece que Meillet, frequentemente apresentado como discípulo de Saussure, é mais preciso quanto à noção de fato social do que o linguista genebrino. Para Calvet (2002), "as passagens em que Saussure declara que 'a língua é parte social da linguagem' ou que 'a língua é uma instituição social' chocam por sua indefinição teórica", tratando-se mais de "um princípio geral, uma espécie de exorta-

ção que muitos linguistas estruturalistas retomarão depois dele sem nunca prover os meios heurísticos para assumir essa afirmação" (CALVET, 2002, p. 15). As críticas de Calvet (2002) recaem também sobre o fato de Saussure (1995) insistir no caráter sistêmico da língua, considerando-a em si mesma, e se estendem a outros estudiosos, tais como Bloomfield, pesquisador da escola estruturalista americana, Hjelmslev e Chomsky, da escola gerativista. Em defesa desse caráter social, assevera Calvet (2002, p. 12) que "as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus falantes".

Nesse ponto, vale mencionar, sem embargo das críticas de Calvet (2002) ao caráter sistêmico atribuído por Saussure (1995) à língua, que essa definição "inscreve a Linguística em um domínio científico específico, o da Semiologia, ciência geral que estuda a vida dos signos (incluindo a escrita dos surdos, os ritos simbólicos, as formas de polidez, os sinais militares etc.) no seio da vida social" (MUSSALIM, 2012, p. 41). Logo, as críticas ao estruturalismo saussuriano devem pontuar oportunamente que, afora as influências conceituais visíveis nos compêndios gramaticais, essa corrente teórica é também importante no que concerne às implicações de base para a edificação de uma ciência mais geral do que Linguística e para a construção de correntes que se fundaram a partir das críticas ao estruturalismo. Cumpre observar que a essa ciência mais geral, "Saussure a denominou *Semiologia*; Pierce a chamou de *Semiótica*" (PETTER, 2014, p. 17).

Ocorre ainda que as contribuições de Saussure (1995) não se restringiram à dicotomia *langue/parole*. A teoria do signo, segundo a qual "o signo linguístico une não

uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica" ([SAUSSURE, 1995, p. 80](#)), ou seja, significado e significante, respectivamente, também foi de grande importância para os estudos estruturalistas e propunha duas características: a arbitrariedade do signo, entendido este como "o total resultante da associação de um significante com um significado" ([SAUSSURE, 1995, p. 81](#)), de modo que não há relação necessária entre um e outro, e a linearidade do significante, visto que ele "representa uma extensão [...] e essa extensão é mensurável numa só dimensão: é uma linha" ([SAUSSURE, 1995, p. 84](#)). Além disso, [Saussure \(1995\)](#) registra a imutabilidade do signo, porque "nunca se consulta a massa social [em relação à ideia que o significante representa] nem o significante escolhido pela língua poderia ser substituído por outro" ([SAUSSURE, 1995, p. 85](#)).

Outro aspecto relevante na Linguística moderna proposta por [Saussure \(1995\)](#) foi a introdução de "um novo ponto de vista no estudo das línguas, o ponto de vista sincrônico, segundo o qual as línguas eram analisadas sob a forma que se encontravam num determinado momento histórico, num ponto do tempo" ([PETTER, 2014, p. 18](#)). Na verdade, os linguistas do século XIX preocupavam-se em estudar as mudanças linguísticas através do tempo. Nessa época, em que os estudos linguísticos eram históricos (ou diacrônicos), o recorte de um momento histórico determinado para análise não era considerado até que, no século XX, Saussure propôs a Linguística sincrônica. A propósito disso, [Petter \(2014, p. 18\)](#) ressalta que, "embora defendesse a perspectiva sincrônica no estudo das línguas, Saussure reconhecia a importância e a complementaridade das duas abordagens". Essa distinção

encontra, inclusive, reflexão em compêndios gramaticais. Eis um desses posicionamentos:

Por *sincronia* entende-se, em princípio, a referência à língua em dado momento do seu percurso histórico, 'sincronizada' sempre com seus falantes, e considerada no seu funcionamento no falar como descrição sistemática e estrutural de um só sistema linguístico ('língua funcional'), enquanto por *diacronia* se entende a referência à língua através do tempo, isto é, o estudo histórico das estruturas de um sistema ('gramática histórica'), e como história da língua. Todavia, neste último aspecto, sincronia e diacronia não são correlativos, pois se se levar em conta o caráter parcialmente inovador de todo signo linguístico, toda língua viva está num perpétuo devenir, já que o aspecto sincrônico, para uma língua considerada na sua totalidade, metodologicamente imposto e necessário, é apenas uma abstração científica para estudar como a língua funciona e os traços que, entre dois momentos do seu desenvolvimento, se mostram constantes. Até para fins práticos necessitamos considerar a língua como algo estável e constante. Assim, a descrição sincrônica prescinde da história, no sentido de que não a abarca, mas a diacronia não pode prescindir das sincronias. Por fim, não se pode perder de vista que a descrição da língua num momento do seu desenvolvimento é parte da história dessa língua. Uma língua viva nunca está plenamente feita, mas se faz continuamente graças à atividade linguística ([BECHARA, 2009, p. 40](#)).

Sobre esse assunto, [Petter \(2014, p. 18\)](#) sintetiza que "em sincronia os fatos linguísticos são observados quanto ao seu funcio-

namento, num determinado momento", diferentemente do que ocorre em diacronia. No processo diacrônico, "os fatos são analisados quanto às suas transformações, pelas relações que estabelecem com os fatos que o precederam ou sucederam" (PETTER, 2014, p. 18). Eis então outra contribuição de [Saussure \(1995\)](#) dentre muitas. E, por serem muitas de fato, não estão, por óbvio, esgotadas neste trabalho. Pela mesma razão, além de [Calvet \(2002\)](#), outros estudiosos teceram críticas a [Saussure \(1995\)](#). Do meio deles, importa aqui destacar os pensamentos de [Bakhtin \(2009\)](#), cuja obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* emergiu também com uma abordagem social³ da língua.

Relativamente à retrocitada obra de [Bakhtin \(2009\)](#), a questão da língua, embora entendida como um fato social, assim como em [Saussure \(1995\)](#), não é tratada pelo viés da abstração, da homogeneidade e da rejeição à fala como manifestação individual. Ao revés, o estudioso russo "valoriza a fala, a enunciação, e afirma sua natureza social, não individual: a fala está indissolúvelmente ligada às condições da comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais" (BAKHTIN, 2009, p. 14). Essa compreensão a respeito da fala é o resultado de o autor considerá-la como "o motor das transformações linguísticas" (BAKHTIN, 2009, p. 14), não sendo, portanto, individual, mas social, na medida em que "os conflitos da língua refletem os conflitos de classe no interior mesmo do sistema" (BAKHTIN, 2009, p. 14). Para [Bakhtin \(2009, p. 14\)](#), em razão de a ação comunicativa verbal não

poder se separar de formas outras de comunicação, acaba por implicar "conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder, etc." Todos esses posicionamentos, vale ressaltar, estão em voga na Análise do Discurso, disciplina cuja paternidade é também atribuída a Bakhtin.

Na verdade, essas implicações registradas por [Bakhtin \(2009\)](#) em relação aos critérios de dominação, hierarquia e reforço de poder são atribuídas modernamente às gramáticas normativas por inúmeros estudiosos que se dedicam ao caráter social da língua, tais como [Bagno \(2007a; 2007b; 2010\)](#), [Hanks \(2008\)](#) e [Martellota \(2013\)](#). Para tais pesquisadores, aquilo que há de social na língua é entendido em sentido amplo, não devendo, por consequência, contribuir para a propagação do preconceito linguístico e do estigma social tampouco emperrar a mobilidade social apenas porque a padronização não é seguida à risca. Obviamente, os defensores do objetivismo abstrato (tal como o era [Saussure \(1995\)](#)) sustentam posicionamentos diversos a respeito desse assunto, uma vez que pontos de vista sobre a questão da língua são múltiplos e foram desenvolvidos devido à forma peculiar como cada autor se apropriou das noções estruturalistas de Ferdinand Saussure. Um exemplo disso é a consideração de que "a legitimidade é concedida a determinadas maneiras de falar e escrever" (HANKS, 2008, p. 50-51) em detrimento de outras menos prestigiadas.

É nessa linha de raciocínio que [Bakhtin \(2009, p. 15\)](#) manifesta a percepção de que "todo signo é ideológico; a ideologia é um reflexo das estruturas sociais; assim, toda modificação da ideologia encadeia uma

³ Segundo consta em [Calvet \(2002\)](#), vários adeptos do marxismo preocuparam-se com a abordagem social da língua. Além de Bakhtin, constam Lafargue, Marr e Stálin como autores marxistas.

modificação da língua", reconhecendo que "a variação é inerente à língua e reflete variações sociais". (BAKHTIN, 2009, p. 15). Por considerar o signo linguístico como dinâmico e vivo, Bakhtin (2009) ataca tanto a homogeneidade proposta por Saussure (1995) quanto à noção de sincronia, porque, "com efeito, em nenhum momento o sistema está realmente em equilíbrio, e isto todos os linguistas admitem" (BAKHTIN, 2009, p. 15). Dessa forma, o signo, para o autor russo, é concebido como mutável e naturalmente vivo, mas à classe dominante interessa torná-lo monovalente. Uma vez que a proposta aqui existente é a de apenas resgatar as críticas de Bakhtin (2009) à obra de Saussure (1995), não se pretende desenvolver os conceitos de enunciação, superestrutura e de ideologia⁴, mas apenas as noções mais gerais de que se vale aquele autor para refutar ou contradizer algumas noções saussurianas.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em linhas gerais, este trabalho corrobora a importância da obra de Ferdinand Saussure, destacando vários pontos teóricos presentes no *Curso de Linguística Geral*. Apesar de as ideias que vigoravam anteriormente, ou seja, no século XIX, não terem sido tratadas nesta pesquisa, exceto em relação à Filologia, e por serem mais de caráter filológico e histórico, fica claro nas exposições que a Linguística, como ciência moderna, emergiu a partir da publicação da obra em questão. Além disso, foram articuladas e apresentadas concepções de alguns auto-

res, como Bakhtin (2009) e Calvet (2002), em relação à obra do linguista genebrino.

Entre os pontos teóricos do trabalho de Saussure, uma das principais ideias desenvolvidas diz respeito à famosa dicotomia entre a língua (*langue*), o objeto de estudo do pai do estruturalismo, e a fala (*parole*). Para ele, enquanto esta é secundária, individual e parte da língua, aquela é essencial, social e independente do indivíduo. Outro importante ponto abordado é atinente à Teoria dos Signos, segundo a qual o signo linguístico seria a compilação entre significante (imagem acústica) e um significado (conceito). Ademais, foi Saussure que introduziu a noção sincronia, ou seja, a análise linguística promovida em um determinado recorte temporal, em contraposição aos estudos diacrônicos típicos da época anterior ao século XX.

Por outro lado, foram articulados também diversos autores a fim de demonstrar que vários pontos da obra saussuriana foram criticados. Um dos críticos mais importantes foi Bakhtin (2009), que considerou a fala como social, criticando o fato de Saussure considerá-la individual. Aliás, Bakhtin, como um dos pais da Análise do Discurso, diferentemente do estudioso suíço, valoriza a fala e os aspectos relacionados à sua natureza social e à enunciação, atacando as noções de homogeneidade linguística e de sincronia descritas no *Curso de Linguística Geral*. A Teoria do Signo também é criticada pelo russo, que acredita na mutabilidade do signo, e não em sua monovalência. Mais recentemente, Calvet (2002) também criticou a obra saussuriana no que se refere à insistência no caráter sistêmico da língua. Para o francês, não bastava considerar a língua como fato social e não justificá-lo, passando a outro assunto.

⁴ Para maior aprofundamento do tema, conferir *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, de Mikhail Bakhtin (2009). Vale também a leitura complementar de *Linguagem e ideologia*, de José Luiz Fiorin (2007).

Diante do exposto, fica o registro final de que, apesar das críticas, a obra de Saussure tem especial relevância no cenário linguístico não só porque inaugurou a Linguística moderna tal como hoje se conhece, mas também porque serviu de base para a renovação dos estudos da linguagem, seja por aderência ou reafirmação das noções propostas seja pela contraposição e crítica teóricas.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. M. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007a.
- BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007b.
- BAGNO, M.. **Dramática da Língua Portuguesa** - tradição gramatical, mídia & exclusão social. 5. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.
- BECHARA, E. **Moderna Gramática Portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BOUQUET, S. **Introdução à leitura de Saussure**. São Paulo: Cultrix, 2000. (Original: 1997).
- CALVET, L. J. **Sociolingüística**: uma introdução crítica. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2002.
- COSTA, H. R. C. Saussure e os estudos linguísticos no século XX: Linguística Aplicada. **Anais do SILEL**, Uberlândia: EDUFU, v. 1, p. 1-8, 2009.
- CUNHA, R. B. A relação significativa e significado em Saussure. **ReVEL**, Edição especial, n. 2, p. 1-14, 2008.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Vol. I. O campo do signo, 1945-1966. São Paulo: Ensaio/Campinas, SP: Ed. Unicamp, 1993.
- DOSSE, F. **História do Estruturalismo**. Vol. II. O canto do cisne, de 1967 a nossos dias. 2. ed. Bauru, SP: EDUSC, 2007.
- ENDRUWEIT, M. L. A escrita em Saussure. **ReVEL**, Edição especial, n. 2, p. 1-12, 2008.
- FARACO, C. A. Estudos pré-saussureanos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- FIORIN, J. L. As línguas do mundo. In: FIORIN, J. L. (org.). **Linguística? O que é isso?** São Paulo: Contexto, 2013.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- FIORIN, J. L.; SAVIOLI, F. P. **Para entender o texto** - leitura e redação. 16. ed. São Paulo: Ática, 2003.
- HANKS, W. F. **Língua como prática social**: das relações entre língua, cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.
- HENGE, G. S. Obras introdutórias à leitura de Saussure: o que falamos e como falamos do CLG? **Cadernos de Letras da UFF**. Dossiê: Patrimônio cultural e latinidade, n. 35, p. 117-135, 2008.
- ILARI, R. O estruturalismo linguístico: alguns caminhos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística**: fundamentos epistemológicos. Vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.

JUCHEM, A. Saussure, Benveniste e o objeto da Linguística. **Cadernos do IL**, Porto Alegre, n. 36, p. 11-23, jun. 2008.

LEITE, T. A. R.; OLIVEIRA, K. R. Ferdinand de Saussure: pai do Estruturalismo? **Revista InterXto**, v. 5, n. 1, p. 1-16, jan./jun., 2012.

MARONEZE, B. O. As concepções saussurianas de formação de palavras. **ReVEL**. Edição especial, n. 2, p. 1-16, 2008.

MARTELLOTA, Mário Eduardo. Conceitos de gramática. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo (org.). **Manual de linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MATTOS, G. **Filologia Românica**. Curitiba: IESDE, 2010.

MUSSALIM, F. **História das ideias linguísticas**. Curitiba: IESDE, 2012.

NÓBREGA, M. A língua como sistema de signos: Saussure e seu trabalho com a produção de sentidos. **Grafos - Revista da Pós-Graduação em Letras (UFPB)**, João Pessoa, v. 6, n. 2/1, p. 101-110, 2004.

NORMAND, C. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

PETTER, M. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz (org.). **Introdução à Linguística**. I. Objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

RODRIGUES, R. S. V.. Saussure e a definição da língua como objeto de estudos. **ReVEL**, edição especial, n. 2, p. 1-25, 2008.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Editora Cultrix, 1995.

SAUSSURE, F. **Escritos de Linguística Geral**. In: BOUQUET, S; ENGLER, R. (orgs.). São Paulo: Cultrix, 2004.

WEEDWOOD, B. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

License information: This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

Artigo **recebido** em 04 de julho de 2015.

Avaliado em 22 de outubro de 2015.

Aceito em 22 de outubro de 2015.

Publicado em 16 de novembro de 2015.

Como citar este artigo (ABNT):

OLIVEIRA, Thiago Soares de. Curso de Linguística Geral: uma análise crítica introdutória. **Estação Científica (UNIFAP)**, Macapá, v. 5, n. 1, p. 23-32, jan./jun. 2015.